

A PRESENÇA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NAS UNIVERSIDADES DA TERCEIRA IDADE

Ivan Eduardo de Abreu Arruda

RESUMO

O presente trabalho tem a proposta de informar a presença da educação física nas universidades da terceira idade do Estado de São Paulo, através de coleta de dados on-line, analisando os objetivos e as estruturas curriculares existentes, enfatizando as disciplinas específicas cabíveis aos profissionais de educação física. Optou-se aqui pelo Estado de São Paulo por ser o local de atuação profissional e acadêmica do pesquisador.

Palavras-chave: educação física, universidade, terceira idade.

ABSTRACT:

This paper is the proposal to inform the presence of physical education in universities of the third age of the State of Sao Paulo, through collecting data online, reviewing the goals and structures existing curriculum, emphasizing the disciplines applicable to professionals in specific physical education. Our choice is here by the State of Sao Paulo to be the place of performance of the professional and academic researcher.

Key-words: Physical education, university, third age.

INTRODUÇÃO

Conforme pesquisa do Fundo das Nações Unidas para a População – FNUAP – (2004), no ano de 2025 a América Latina terá mais 180 milhões de habitantes somados aos 520 milhões já existentes, para os quais será necessário garantir condições de existência condigna, e é nesse contexto que o Brasil observa as alterações em seu perfil demográfico, face ao crescimento do número de pessoas com mais de 60 anos. Debert (2002) crê que o Brasil ocupará, em breve, a quinta ou sexta colocação dentre os países com maior população idosa no mundo, e isso se comprova na pesquisa de Sinésio (1999), apresentada na tabela a seguir:

Tabela 1 - Idosos com 60 anos ou mais (em milhões).

PAÍSES	CLASSIFIC. (1950)	1950	1975	2000	2025	CLASSIFIC. (2025)
China	1º	42	73	134	284	1º
Índia	2º	32	29	65	146	2º
Antiga U.R.S.S.	4º	16	34	54	71	3º
Estados Unidos	3º	18	31	40	67	4º
Japão	8º	6	13	26	33	5º
Brasil	16º	2	6	14	32	6º
Indonésia	10º	4	7	15	31	7º
Paquistão	11º	3	3	7	18	8º
México	25º	1	3	6	17	9º
Bangladesh	27º	1	2	6	16	10º
Nigéria	14º	2	3	6	17	11º

Fonte: World Health Statistics Annuais 1979/1982.

Durante o Seminário Internacional sobre Atividades Físicas para a Terceira Idade, fórum qualificado com o objetivo de favorecer o intercâmbio e a comunicação entre pesquisadores, professores e discentes, Matsudo (2002), na sua exposição sobre o papel da atividade física para idosos nas políticas públicas, informa que a expectativa de vida do brasileiro até 2025 estará próxima de 80 anos para ambos os sexos.

As mudanças na estrutura etária introduzem questões e desafios de ordem prática da maior relevância, posto que interferem tanto no volume total das demandas por serviços públicos nas diversas áreas e por emprego, quanto na caracterização e na estrutura dessas demandas. É necessário dispor de

políticas públicas adequadas que possam garantir um mínimo de condição de qualidade de vida aos que atingem a terceira idade (NERI e CACHIONI, 1999; SALGADO, 1980).

Como forma de atender esta nova realidade, entidades governamentais e não-governamentais trabalham para a promoção de um envelhecimento saudável mediante a criação de políticas que atendam as necessidades específicas desta população, visando a manutenção e a reabilitação de capacidades funcionais.

A política de atendimento preventivo no Brasil torna-se fundamental, pois não há o interesse para o próprio idoso, para a sua família, para o Estado e para eventuais serviços, em mantê-lo inativo em um leito hospitalar ou isolado em asilos, assim, a prevenção de doenças, de acidentes e de todas as circunstâncias que agridem o idoso, devem nortear toda e qualquer política com relação à terceira idade (SINÉSIO, 1999).

O envelhecimento populacional brasileiro vem acarretando importantes repercussões aos campos social e econômico, uma vez que esse crescimento de idosos está passando a depender, por mais tempo, da previdência social e dos serviços públicos de saúde e assistência social que, além do Estado conceder esses benefícios muitas vezes de forma precária ao conjunto da população, a situação se agrava aos idosos, principalmente aos mais pobres, em virtude das aposentadorias e pensões, da exclusão do mercado de trabalho e da diminuição da possibilidade de serem amparados pela família (NERI e CACHIONI, 1999; KATZ, 1988).

A TERCEIRA IDADE

A expressão terceira idade, segundo Palmore (1990), foi criada na França, no final dos anos 60, para designar de forma aceitável o período da vida em que o indivíduo se afastava da vida produtiva e da maioria dos papéis que caracterizavam a vida adulta (*apud* SILVA, 1999). Entretanto, conforme Coriolano (2002), a associação ao termo terceiro mundo e à expressão terceiro estado da Revolução Francesa, mostrava o preconceito existente, remetendo o indivíduo ao descartável, ao improdutivo e a não interessar mais ao capitalismo (*apud* CAMPOS, 2003).

Netto (2001) e Neri e Freire (2000), reforçam que a expressão francesa terceira idade estabelecia a idade em que o indivíduo se aposentava, por volta dos 45 anos. Assim, a vida adulta, de produtividade, seria a segunda idade e a infância, improdutivo, mas com perspectiva de crescimento, a primeira idade. Acompanhando esta linha, Cribier (1990), define terceira idade, a partir de uma concepção da vida, em três etapas:

[...] uma primeira idade, da dependência e imaturidade, da educação e socialização; uma segunda idade, da independência, da maturidade, da responsabilidade familiar e profissional, da produção econômica e familiar; uma terceira idade, também de independência e maturidade, mas cujas funções sociais não são mais as mesmas, ou seja, é tempo de usufruir e consagrar-se à realização de si (*apud* PEIXOTO, 1997).

O vocábulo terceira idade parece soar melhor do que os outros termos, pois, para Sant'Anna (1997), busca-se assim, oportunizar novas representações sociais e posturas de atendimentos e de ofertas de serviços, eliminando conotações depreciativas. A autora considera como terceira idade o grupo etário constituído por pessoas com 60 anos ou mais, igualmente à concepção de idoso definido pelo Estatuto do Idoso.

A expressão terceira idade não classifica uma fase do curso da vida, e sim, apresenta-se como uma nova fase na vida do indivíduo onde o envelhecimento não interrompe a continuidade de uma vida ativa, independente e prazerosa (BARROS, 2002 *apud* CAMPOS, 2003). Complementando, Balestra (2002), em sua pesquisa de mestrado em educação física sobre “a imagem corporal dos idosos”, ressalta que esta expressão, valorizada pela mídia, representa os aspectos positivos da velhice.

EDUCAÇÃO NA TERCEIRA IDADE

A educação para idosos pode ser refletida, conforme Neri e Cachioni (1999), por diversos aspectos que se correspondem. O mais comum é a negação da educabilidade desses indivíduos, baseada em argumentos fundados nos estereótipos de velhice improdutivo, incapaz e doentia, o que caracteriza a alegação da não compensação de investimentos nessa categoria etária, determinando

assim a restrição de oportunidades para capacitação, treinamento e reciclagem. Ao contrário, a educação aos idosos é vista em termos compensatórios, quando visa à alfabetização, à educação básica em saúde e à informação sobre o envelhecimento.

Outro aspecto que as autoras colocam é dirigir a educação na tentativa do idoso desenvolver novos papéis, por meio de programas que o incentive e o prepare para participar ativamente na sociedade em que está inserido, propiciando melhor qualidade de vida para si e para seus companheiros de geração. A educação para os idosos possibilita também a integração das experiências e dos conhecimentos acumulados ao longo da vida, sob o ângulo das oportunidades de realização, enfatizando o desenvolvimento psicológico e espiritual.

Osorio (2005) alerta para o fato dos programas educativos não serem relacionados a uma volta à escola, como uma nova infantilização dos idosos, onde aprendem conteúdos que não foram assimilados anteriormente. O autor reforça que a educação dos idosos deve assumir outras direções e se caracterizar como um processo no qual o aluno se interesse por ser protagonista de sua própria vida e dos problemas que o envolve.

Silva (1999) considerou alguns modelos de oportunidades educacionais para os idosos. O primeiro é destinado a idosos em fase de aposentadoria, que estabelecem cursos sobre a utilização do tempo livre para o lazer, sobre o planejamento financeiro e sobre a adaptação aos novos papéis sociais. O segundo voltado ao planejamento e ao gerenciamento pessoal, envolvendo aspectos como orçamento, nutrição e programas de exercícios físicos. Em um terceiro modelo, há um direcionamento aos idosos frágeis ou doentes, focando os cuidados com a saúde e as atividades que visam à preservação da memória. Em seguida, um modelo dirigido aos idosos que são responsáveis por outros idosos, orientando sobre os cuidados necessários. Um outro modelo destinado ao treinamento e à capacitação profissional àqueles almejam o retorno ao mercado de trabalho. Por fim, voltar-se ao desenvolvimento e ao enriquecimento pessoal por meio de cursos oferecidos em instituições de ensino superior.

É fato que as atividades educacionais voltadas à terceira idade estão associadas às questões como inclusão social, qualidade de vida e auto-estima, pelas quais, estão correlacionadas por serem conseqüências naturais uma das outras.

A UNIVERSIDADE DA TERCEIRA IDADE

Os movimentos de educação para adultos acabaram por incentivar as primeiras atividades educacionais voltadas aos idosos. Conforme o interesse, a escolaridade e a ociosidade, os idosos passavam a fazer parte em cursos de alfabetização e em atividades recreativas e culturais. Não é de hoje que a terceira idade procura na educação o espaço necessário para exercer seu direito à cidadania.

Nos Estados Unidos, os programas educativos direcionados aos idosos foram oferecidos a partir do século XVIII, por meio de programas de educação continuada. Havia, na época, a preocupação com o desenvolvimento da cidadania em virtude de interesses governamentais, e com a compreensão religiosa. Desta forma, o aprendizado da leitura e da escrita resultava na participação dos indivíduos nas decisões da Nação e no entendimento da Bíblia.

Na Europa, surgiu na década de 60, na França, país com tradição em educação de adultos, um programa pioneiro aos aposentados, denominado Universidade do Tempo Livre, cujos objetivos eram ocupar a ociosidade das pessoas que gozavam da aposentadoria e favorecer as relações sociais entre as mesmas. A proposta não era de educação permanente e sim uma promoção de atividades ocupacionais e lúdicas.

A Universidade do Tempo Livre fora então a precursora das universidades da terceira idade que viriam a se estruturar, de forma inédita, em 1973, na Universidade de Toulouse, através do professor de direito internacional, Pierre Vellas. Para tal, o criador recorreu à pesquisa sobre os programas de estudo relacionados com o envelhecimento em universidades européias e americanas, aos trabalhos de organizações internacionais e às políticas voltadas à velhice, desenvolvidas nos países industrializados.

Dois anos após a criação do programa de Pierre Vellas, foi instituída, de acordo com (SWINDEL e THOMPSON 1995, *apud* CACHIONI, 1998), a Associação Internacional de Universidades da Terceira Idade – AIUTA – órgão reconhecido pela ONU, OMS, UNESCO, entre outras organizações internacionais.

No início da década de 80, período que a AIUTA já contava com aproximadamente 200 instituições de ensino associadas, as universidades da terceira idade elaboraram programas educacionais amplos, específicos aos aposentados escolarizados, caracterizados pela participação, autonomia e integração, passando os alunos, a desempenhar um papel ativo nas pesquisas universitárias (LEMIEUX, 1995; PEIXOTO, 1997 *apud* CACHIONI, 1998).

O admirável e veloz crescimento das universidades da terceira idade na Europa, na Ásia, na Oceania e nas Américas do Norte e do Sul, demonstrou dois estilos de programas aceitos por diversos países: o modelo francês e o modelo inglês. É importante frisar que esses dois estilos influenciaram o surgimento de outros três modelos: o norte-americano de língua francesa, o sul-americano e o chinês.

O modelo francês tem suas bases no sistema tradicional universitário daquele país e privilegia o segmento mais velho da população sem, contudo, se fechar às outras faixas etárias preocupadas com o envelhecimento ou em busca de oportunidades de educação continuada. Os cursos, as oficinas de trabalho, os grupos de estudos e outras modalidades oferecidas são diversificados e abertos, compostos de conteúdos e metodologias próprias, centradas no modelo da educação continuada daquele país. Soma-se a eles o acesso aberto e disponível a diferentes cursos universitários, especialmente nas áreas de ciências humanas e artes (PACHECO, 2003, p. 223-224).

O modelo inglês nasceu em Cambridge, em 1981, baseando-se no ideal da auto-ajuda. A certeza de que todos os especialistas de todas as áreas envelhecem e se aposentam norteou a criação de um espaço de troca, dentro das universidades, entre os mais velhos e os mais jovens. Essa interação de conhecimentos das pessoas envolvidas no projeto aumentaria as relações interpessoais, através do contato com seus semelhantes, e levaria a uma ação integrada dos profissionais mais velhos e dos mais jovens. Seria esperado, a partir dessa integração, o desenvolvimento de projetos comuns com a colaboração profissional, a integração com a universidade, com a sociedade. Essa experiência criaria oportunidades aos participantes para manutenção da sua competência e do sentimento de autovalorização de forma mais prolongada e constante (PACHECO, 2003, p. 224).

A caracterização do modelo sul-americano se aproxima muito a do modelo francês. Tanto na América do Sul quanto na Central, cuidar da educação das pessoas idosas, inclusive as mais necessitadas, é uma grande preocupação das instituições de ensino superior que, através de programas de alfabetização e das próprias universidades da terceira idade, conseguem atingir resultados positivos impressionantes (FEDERICI, 2006).

O primeiro programa brasileiro de universidade da terceira idade, estruturado no modelo inglês, aconteceu em Florianópolis, no ano de 1982, por meio do Núcleo de Estudos da Terceira Idade da Universidade Federal de Santa Catarina, tendo os objetivos de realizar estudos e pesquisas, divulgar conhecimentos técnico-científicos sobre o envelhecimento, auxiliar na formação de recursos humanos e promover o cidadão idoso (CACHIONI, 1999 *apud* PACHECO, 2003).

O modelo francês surgiu, pela primeira vez, no interior de São Paulo, em Campinas, em 1990, através da Pontifícia Universidade Católica, no programa Universidade da Terceira Idade (MARTINS DE SÁ, 1996 *apud* PACHECO, 2003). Baseado nos estudos de Pacheco (2003), a maioria dos programas universitários destinados aos idosos brasileiros seguem o modelo francês, centrando suas atividades em programas de educação permanente, tornando-se um espaço de relacionamento, de ocupação do tempo, de estudos e de atualização, por meio de cursos regulares ou estruturados conforme o perfil dos alunos.

A EDUCAÇÃO FÍSICA E A TERCEIRA IDADE

No processo de envelhecimento, ocorrem inúmeras alterações funcionais no organismo, atrofiando o sistema cárdio-respiratório e o aparelho locomotor. Os hábitos da bebida e do tabagismo, a ausência de ocupação ou de alguma atividade produtiva, as situações de stress e o isolamento social são importantes itens que levam as pessoas a um processo de envelhecimento não saudável.

A prática da atividade física, com exercícios compatíveis, pode incidir favoravelmente fazendo com que esse processo seja alterado e o indivíduo da terceira idade possa sentir-se mais disposto, com perspectivas menos sombrias ou pessimistas. Procura-se então enfatizar que um idoso ativo vive

melhor. A inatividade, a ausência da mobilidade e da saúde torna o idoso um ser angustiado, pois percebe que o leva a dependência e a apatia.

O contato com atividades físicas na terceira idade começa geralmente por indicação médica. O fato é que essas pessoas acabam encontrando nos exercícios muito mais que alívio para suas “dores”, concretizam novas amizades e têm momentos de descontração. Além dos aspectos ligados à saúde, as atividades físicas trazem inúmeros benefícios psicológicos, de auto-estima e de melhoria do relacionamento social, aspectos muito importantes para pessoas da terceira idade, devido às inúmeras mudanças advindas desta fase da vida. O horário para exercícios físicos é um momento em que a pessoa reserva o tempo para si, para cuidar de sua beleza, de sua saúde e mesmo para refletir sobre a própria vida.

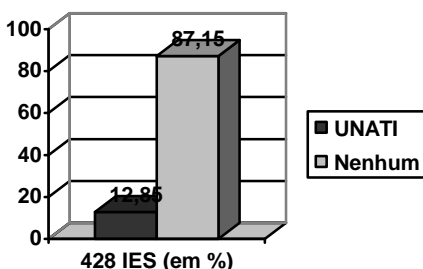
Neste contexto, insere-se a educação física que envolve em seu bojo os conteúdos necessários a manutenção da vida com teor elevado de saúde e prazer. Cabe ao profissional de educação física promover situações que a terceira idade participe, mesmo que por poucas horas semanais. A educação física é componente imprescindível à qualidade de vida do idoso e, por isso, é frequentemente encontrada nas estruturas curriculares das universidades da terceira idade (VERDERI, 2004).

DESCRIÇÃO METODOLÓGICA, AMOSTRAS E PROTOCOLOS UTILIZADOS

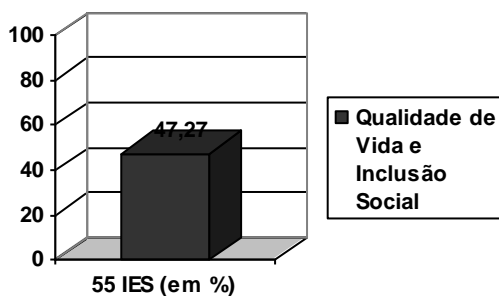
O trabalho foi realizado por intermédio da pesquisa on-line, uma vez que não necessitaria assim, de parecer de um Comitê de Ética em Pesquisa, já que não envolveu seres humanos. Todos os dados coletados foram retirados das páginas na Internet das 428 Instituições de Ensino Superior – IES – paulistas. Importante deixar claro que a mesma IES presente em duas ou mais cidades, ou com mais de um campus no mesmo município, tiveram seus dados analisados e computados de forma única.

Os pontos abordados junto às IES que continham o programa Universidade da Terceira Idade em atividade foram: objetivos e currículos dos programas. Os objetivos e a estrutura curricular foram imprescindíveis para compreensão do que se busca atingir na maioria dos programas, bem como, das disciplinas que são trabalhadas.

DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS



Foram analisadas 428 IES. Deste montante, 55 (12,85%) instituições desenvolvem o programa Universidade da Terceira Idade e 354 (87,15%) IES não assumem qualquer trabalho com esse público. Aqui não se considerou as propostas de alfabetização dos idosos por serem perspectivas da Educação de Jovens e Adultos – EJA. Estes dados refletem a estreita relação existente entre idosos e IES.



Do ponto de vista dos objetivos dos programas, verificou-se que 26 (47,27%) IES dentre as 55 encontradas se preocupam com a qualidade de vida e com a inclusão social.

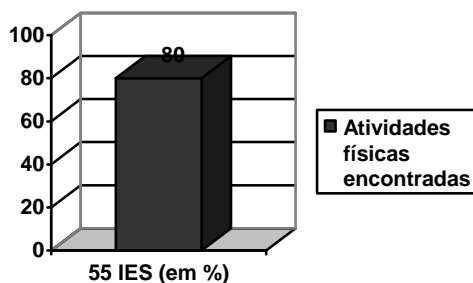
O conceito de qualidade de vida é produção histórica pressupondo, uma análise processual, uma dinâmica, a recuperação do específico e o respeito às condições conjunturais. Assim, ao tentar construir um conceito de qualidade de vida, busca-se determinar os atributos desejáveis a uma vida, feita da imbricação entre pessoas, instituições e sistemas sociais. Não se trata de definir sonhos e esperanças de um ser humano, mas de todos aqueles que vivem uma mesma história, seres que partilham o mesmo tempo em espaços construídos pela ação conjunta. Enfim, o ser que habita, que constrói e edifica sua própria morada está, neste processo de construção, também construindo indicadores de qualidade de vida. Ou seja, no viver, vai determinando formas e maneiras necessárias e essenciais ao ato mesmo de habitar o mundo. A conquista da qualidade de vida supõe a conquista do próprio existir, no sentido de estar-no-mundo, de forma compromissada com a vida mesma (FREIRE, 1993 *apud* STANO, 2001, p. 156-157).

Na perspectiva da inclusão social no Estado de São Paulo é importante frisar que em 1997 foi instituída pelo Governador Mário Covas Júnior a Política Estadual do Idoso – Lei Estadual nº 9.892 – que disserta sobre as competências dos órgãos e entidades públicas no âmbito da educação, em seu artigo décimo primeiro, parágrafo terceiro:

[...] promover seminários, simpósios, encontros, palestras, cursos e fóruns permanentes de debates, procurando educar a sociedade em relação ao processo de envelhecimento; estabelecer programas de estudo a pesquisa sobre a situação do idoso em parceria com os Poderes Públicos e a sociedade; desenvolver programas que preparem as famílias e a sociedade a assumirem seus idosos; incentivar a abertura das universidades aos cidadãos idosos e a criação de cursos de alfabetização para adultos; apoiar programas que eduquem a sociedade em geral a não discriminar o idoso; estimular a transmissão de mensagens educativas sobre os idosos em lugares públicos.

As diversas disciplinas encontradas na maioria dos programas foram aqui divididas pelas seguintes áreas: Acupuntura, Arte, Atividade Física, Atualidade, Avicultura, Biologia, Comunicação Social, Conhecimentos Gerais, Coral, Culinária, Cultura, Direito, Economia, Ecologia, Enfermagem, Espanhol, Espiritualidade, Ética, Farmácia, Filosofia, Fisioterapia, Fitoterapia, Fonoaudiologia, Fotografia, Geografia, Gerontologia, História, Horticultura, Informática, Inglês, Jardinagem, Literatura, Marketing, Matemática, Medicina, Música, Nutrição, Organização de Evento, Piscicultura, Política, Português, Primeiros Socorros, Psicologia, Qualidade de Vida, Reciclagem, Reeducação Postural, Religião, Saúde, Sexualidade, Sociologia, Teatro, Tecnologia, Turismo, além de confraternizações, excursões e passeios. Em alguns programas as disciplinas vivenciadas na Universidade da Terceira Idade eram as disciplinas regulares dos cursos de graduação da própria IES.

Os programas de Universidades da Terceira Idade procuram corresponder às necessidades características do alunado e, ao mesmo tempo, buscam alicerçar seus objetivos numa visão inovadora de currículo. [...], a maioria dos programas universitários para idosos apresentam-se sob forma de micro-universidades temáticas, ou seja, o currículo é organizado a partir de disciplinas-eixo, com a finalidade de trabalhar os temas de forma integrada, dando atenção à questão da interdisciplinaridade. Existe grande diversidade nessas propostas de estruturação, uma vez que cada instituição toma decisões sobre objetivos, conteúdos, estrutura curricular, atividades, professores, atuando exclusivamente a partir de seus recursos humanos e materiais e de sua ideologia sobre velhice e sobre educação na velhice (ALVES, 1997 *apud* CACHIONI, 1998, p. 55-56).



As disciplinas de atividades físicas encontradas em 44 IES (80%) correspondiam a: biodança, dança de salão, danças circulares, dança educativa, coreografia, expressão corporal, educação do movimento, lutas, tai chi chuan, ioga, shiatsu, do in, ginástica geral, alongamento, relaxamento, dinâmica de grupo, jogos cooperativos, atividades aquáticas, voleibol adaptado, handebol adaptado, musculação, recreação, hidroginástica e natação,

CONCLUSÃO

As instituições de ensino superior necessitam de uma reflexão sobre suas práticas para que possam gerar modelos e princípios de atuação a serem fundamentados, aperfeiçoados e aplicados, dentro de um estilo próprio de educar os idosos brasileiros, além de estimulá-los à prática da educação física.

Direcionando à temática deste congresso, sobre a massificação, a presença da educação física nas universidades da terceira idade, bem como, o aumento de participantes nos eventos esportivos voltados aos idosos, mostram a importância de se expandir a educação física a outras faixas etárias e a outros nichos do mercado, como as IES, visando também a valorização da área e do profissional.

Ao profissional de educação física não cabe a responsabilidade de determinar o tempo de vida dos indivíduos ou dos idosos, porém, é este profissional o responsável pelas ferramentas que farão das vidas dessas pessoas, principalmente das que se encontram na terceira idade, uma vida saudável e ritmada, repleta de perspectivas.

REFERÊNCIAS

BALESTRA, C.M. **A imagem corporal de idosos praticantes e não praticantes de atividades físicas.** Campinas, 2002. (Dissertação de Mestrado em Educação Física) – Fac. de Educação Física da Unicamp.

BRASIL. **Lei nº 9.892**, de 10 de dezembro de 1997. Dispõe sobre a instituição da política estadual do idoso. Lex – legislação estadual e marginalia, São Paulo, dez. 1997.

CACHIONI, M. **Envelhecimento bem-sucedido e participação numa universidade para a terceira idade:** a experiência dos alunos da Universidade São Francisco. Campinas, 1998. (Dissertação de Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Unicamp.

CAMPOS, T.J. **Lazer e terceira idade:** contributos do turismo no âmbito do programa clube da melhor idade. Campinas, 2003. (Dissertação de Mestrado em Gerontologia) – Faculdade de Educação da Unicamp.

DEBERT, G.G. Políticas públicas e a constituição do idoso como ator político. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE ATIVIDADES FÍSICAS PARA A TERCEIRA IDADE, V. **Anais...** São Paulo: USP, 2002, p. 54-63.

FEDERICI, M.C. Quel avenir pour les UTA? In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DAS UNIVERSIDADES DA TERCEIRA IDADE, 23. **Workshop...** Reims, França: [s.e.], 2006.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A POPULAÇÃO – FNUAP. (2004) **World population prospects:** the 2004 revision population database. Population Division of the Department of Economic and Social Affairs of the United Nations Secretariat (on-line). <http://esa.un.org/unpp/p2k0data.asp>.

KATZ, D. Psicologia da velhice. In: PIAGET, J. **Psicologia das idades.** 8.ed. São Paulo: Manole, 1988.

MATSUDO, V.K.R. O papel da atividade física para idosos nas políticas públicas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE ATIVIDADES FÍSICAS PARA A TERCEIRA IDADE, V. **Anais...** São Paulo: USP, 2002, p. 67-71.

NERI, A.L.; CACHIONI, M. Velhice bem-sucedida e educação. In: NERI, A.L.; DEBERT, G.G. (orgs.). **Velhice e sociedade.** Campinas: Papirus, 1999.

NERI, A.L.; FREIRE, S.A. Apresentação: qual é a idade da velhice? In: _____. (orgs.). **E por falar em boa velhice.** Campinas: Papirus, 2000.

NETTO, A.J. Universidade aberta para a maturidade: avaliação crítica de uma avançada proposta educacional e social. In: KACHAR, V. (org.). **Longevidade: um novo desafio para a educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

OSORIO, A.R. Intervención educativa con personas mayores: análisis de diversos programas en el contexto español. CONGRESSO IBEROAMERICANO SOBRE EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS UNIVERSITÁRIAS COM IDOSOS, I. **Simpósio...** Lima, Peru: Pontifícia Universidade Católica, 2005.

PACHECO, J.L. As universidades abertas à terceira idade como espaço de convivência entre gerações. In: SIMSON, O.R.M.V.; NERI, A.L.; CACHIONI, M. (orgs.) **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas: Alínea, 2003.

PEIXOTO, C. De volta às aulas ou de como ser estudante aos 60 anos. In: VERAS, R. (org.). **Terceira idade: desafios para o terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

SALGADO, M.A. **Velhice, uma nova questão social**. São Paulo: SESC, 1980.

SANT'ANNA, M.J.G. Unati, a velhice que se aprende na escola: um perfil de seus usuários. In: VERAS, R. (org.). **Terceira idade: desafios para o terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

SILVA, F.P. **Crenças em relação à velhice, bem-estar subjetivo e motivos para freqüentar Universidade da Terceira Idade**. Campinas, 1999. (Dissertação de Mestrado em Gerontologia) – Faculdade de Educação da Unicamp.

SINÉSIO, N.B.O. **Universidade da melhor idade: uma proposta salesiana para o idoso**. Campo Grande: UCDB, 1999.

STANO, R.C.M.T. Espaço escolar: um tempo de ser-na-velhice. In: KACHAR, V. (org.) **Longevidade: um novo desafio para a educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

VERDERI, E. **O corpo não tem idade: educação física gerontológica**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2004.

Mestrando em Educação - PUC-Campinas;

Membro do Grupo de Pesquisa "Qualidade de Ensino".

Coordenador do curso de Educação Física da Faculdade de Pindamonhangaba – FAPI.